

MENSAGENS-CHAVE DO RELATÓRIO SOBRE A LACUNA DE EMISSÕES 2023

À medida em que os recordes de temperatura são quebrados e os impactos climáticos se intensificam, o *Relatório sobre a Lacuna de Emissões 2023: Recorde Quebrado – Temperatura atinge novos máximos, mas o mundo não consegue reduzir as emissões (novamente)* conclui que o mundo está caminhando para um aumento de temperatura de 2,5°C a 2,9°C acima dos níveis pré-industriais, a menos que os países intensifiquem as ações e entreguem mais do que o anunciado em suas promessas de 2030 no âmbito do Acordo de Paris. As emissões previstas para 2030 devem ser reduzidas em pelo menos 28% a 42% em comparação com os cenários atuais para entrar no caminho certo para as metas de 2°C e 1,5°C do Acordo de Paris, respectivamente. Manter a possibilidade de atingir as metas do Acordo de Paris depende do fortalecimento da mitigação nesta década para reduzir a lacuna de emissões. Isso vai facilitar metas mais ambiciosas para 2035 na próxima rodada de promessas climáticas e vai aumentar as chances de cumprir as promessas de emissões líquidas zero, que cobrem cerca de 80% das emissões globais.

O mundo está estabelecendo recordes alarmantes de temperatura, o que intensifica eventos climáticos extremos e outros impactos climáticos ao redor do mundo.

- Neste ano, até o início de outubro, foram registrados 86 dias com temperaturas mais de 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Setembro foi o mês mais quente registrado, com temperaturas médias globais 1,8°C acima dos níveis pré-industriais.
- As emissões globais de gases de efeito estufa (GEE) aumentaram 1,2% de 2021 para 2022, atingindo um novo recorde de 57,4 Gigatoneladas de Dióxido de Carbono Equivalente (GtCO₂e).
- Similarmente, as emissões de GEE em todo o G20 aumentaram 1,2% em 2022.
- As emissões permanecem desigualmente distribuídas dentro e entre os países, refletindo padrões globais de desigualdade.

Apesar da aceleração dos desastres climáticos, os esforços insuficientes de mitigação significam que o mundo está a caminho de um aumento de temperatura muito além das metas climáticas acordadas para este século.

- Se os esforços de mitigação implicados pelas atuais políticas continuarem, o aquecimento global será limitado a 3°C acima dos níveis pré-industriais ao longo deste século.
- A implementação completa e os esforços contínuos implicados pelas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs, na sigla em inglês) incondicionais colocariam o mundo no caminho para manter o aumento da temperatura a 2,9°C.
- A realização adicional e a continuação das NDCs condicionais levariam a temperaturas que não excedessem 2,5°C acima dos níveis pré-industriais.
- No cenário mais otimista, em que todas as NDCs condicionais e promessas de emissões líquidas zero são cumpridas, limitar o aumento da temperatura a 2°C poderia ser alcançado. Todavia, as promessas de emissões líquidas zero, atualmente, não são consideradas críveis: nenhum dos países do G20 está reduzindo as emissões a um ritmo consistente com as suas metas de emissões líquidas zero.

- No cenário mais otimista, a probabilidade de limitar o aquecimento a 1,5°C é de apenas 14%.

O mundo precisa reduzir as emissões de 2030 em até 28% para entrar em um caminho de menor custo para a meta de 2°C do Acordo de Paris e em até 42% para a meta de 1,5°C.

- Estima-se que as NDCs incondicionais e condicionais para 2030 reduzam as emissões globais em 2030 em apenas 2% e 9%, respectivamente, quando comparadas às políticas atuais e assumindo a implementação completa.
- As NDCs incondicionais atuais, que implicam cortes adicionais de emissões de 14 GtCO₂e, são necessárias em 2030 em relação aos níveis previstos para 2°C. Cortes de 22 GtCO₂e são necessários para 1,5°C.
- A implementação de NDCs condicionais reduz essas estimativas em 3 GtCO₂e.

Houve progresso desde que o Acordo de Paris foi assinado, mas aumentar significativamente a implementação nesta década é a única maneira de manter a janela aberta para limitar o aquecimento global a 1,5°C sem ultrapassagens significativas.

- O progresso das políticas reduziu a lacuna de implementação, definida como a diferença entre as emissões projetadas sob as políticas atuais e a implementação completa de NDC.
- As emissões de GEE em 2030, baseadas nas políticas em vigor, foram projetadas para aumentar 16% no momento da adoção do Acordo de Paris. Agora, o aumento projetado é de 3%.
- A lacuna de implementação global para 2030 é estimada em cerca de 1,5 GtCO₂e para NDCs incondicionais (abaixo dos 3 GtCO₂e do ano passado) e 5 GtCO₂e para NDCs condicionais (abaixo dos 6 GtCO₂e).
- Nove países enviaram NDCs novas ou atualizadas desde a COP27 em 2022, levando o número total de NDCs atualizadas para 149.
- Se todas as NDCs incondicionais novas e atualizadas forem totalmente implementadas, estima-se que elas reduzam as emissões de GEE em cerca de 5,0 GtCO₂e anualmente até 2030, quando comparadas às NDCs iniciais. As nove NDCs enviadas desde a COP27 equivalem a cerca de 0,1 GtCO₂e desse total.
- No entanto, a menos que os níveis de emissões em 2030 sejam reduzidos em comparação aos níveis implícitos pela implementação total das NDCs, será impossível estabelecer caminhos de menor custo que limitem o aquecimento global a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, com pelo menos 33% de chance, durante este século.

Todas as nações devem acelerar as transformações para o desenvolvimento de baixo carbono em toda a economia.

- Os países com maior capacidade e responsabilidade pelas emissões – particularmente os países de alta renda e de alta emissão entre o G20 – irão precisar tomar medidas mais ambiciosas e rápidas e fornecer apoio financeiro e técnico às nações em desenvolvimento.
- Como os países de baixa e média renda já respondem por mais de dois terços das emissões globais de GEE, é preciso atender às necessidades de desenvolvimento com baixo crescimento de emissões.
- O carvão, o petróleo e o gás extraídos ao longo da vida útil das minas e campos em produção e planejados emitiriam mais de 3,5 vezes o orçamento de

carbono disponível para limitar o aquecimento a 1,5°C, e quase todo o orçamento disponível para 2°C.

Países de baixa e média renda enfrentam desafios econômicos e institucionais nas transições ao desenvolvimento de baixo carbono, mas também podem aproveitar oportunidades.

- Transições energéticas em países de baixa e média renda podem ajudar a fornecer acesso universal à energia, tirar milhões de pessoas da pobreza e expandir indústrias estratégicas.
- O crescimento energético associado pode ser alcançado, de maneira eficaz e equitativa, com energia de baixo carbono, à medida que as energias renováveis se tornam mais baratas, garantindo empregos verdes e ar mais limpo.
- A assistência financeira internacional terá de ser significativamente ampliada, com novas fontes públicas e privadas de capital reestruturadas por meio de mecanismos de financiamento que reduzam os custos de capital. Esses incluem financiamento de dívida, financiamento concessional de longo prazo, garantias e financiamento catalítico.
- A preparação da próxima rodada de NDCs oferece a oportunidade para os países de baixa e média renda desenvolverem planos nacionais com visões domésticas de políticas e metas ambiciosas de desenvolvimento e clima para as quais as necessidades financeiras e tecnológicas são claramente especificadas.
- A COP28 deve assegurar que o apoio internacional seja garantido para o desenvolvimento de planos tão ambiciosos.

O primeiro Balanço Global (GST, na sigla em inglês) na COP28 fornecerá uma estrutura para aumentar a ambição.

- O primeiro levantamento global sob o Acordo de Paris irá informar a próxima rodada de NDCs que os países devem apresentar em 2025 com metas para 2035.
- A ação nesta década irá determinar a ambição exigida nessas NDCs e a viabilidade de alcançar as metas de temperatura de longo prazo do Acordo de Paris.
- A ambição global na próxima rodada de NDCs deve levar as emissões globais de GEE em 2035 a níveis compatíveis com as trajetórias abaixo de 2°C e 1,5°C, ao mesmo tempo em que compensa o excesso de emissões até que os níveis compatíveis com essas trajetórias sejam alcançados.

Um atraso maior nas reduções rigorosas das emissões globais de GEE aumentará a dependência futura da remoção de dióxido de carbono.

- Todos os caminhos consistentes com o cumprimento das metas do Acordo de Paris exigem cortes imediatos e profundos de emissões e o uso de remoção de dióxido de carbono (CDR, na sigla em inglês) a médio e longo prazo.
- A CDR já está sendo implantada, principalmente por meio de florestamento, reflorestamento e manejo florestal. As remoções diretas atuais por meio de métodos terrestres são estimadas em 2,0 GtCO₂e anualmente.
- As vias de menor custo pressupõem aumentos significativos tanto na CDR convencional quanto na nova, mas alcançar níveis mais elevados de CDR permanece incerto e associado a riscos: em torno da concorrência fundiária, proteção da posse e dos direitos e outros fatores.

- O aumento de escala de nova CDR está associado a diferentes tipos de riscos, incluindo o de que os requisitos técnicos, econômicos e políticos para a implantação em larga escala podem não se materializar a tempo.
- Isso aponta para quatro áreas importantes para a ação política: definição e sinalização de prioridades de CDR; desenvolvimento de sistemas robustos de monitoramento, relatórios e verificação para aumentar a credibilidade; aproveitamento de sinergias e benefícios conjuntos com outros esforços; e aceleração da inovação.